

SOCIOLOGIA E MEMÓRIA: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA

Dióice Fabrício Masschmann¹

Profa. Dra. Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad²

RESUMO: O presente artigo tem objetiva estudar uma alternativa de resgatar a memória do município de Terra de Areia, tendo em vista que a história do lugar não é muito conhecida pela população mais jovem. A maioria das pessoas atribui patrimônio histórico somente antigas construções, ou algo visível, como os museus, como aqui no município não há nenhum deles se faz necessário resgatar a memória da sociedade, a história oral do lugar, procurar por fotos e registros de antigos moradores que possam ajudar na construção da identidade social do município. Trabalhar com alunos do ensino médio pode despertar o interesse pela história local, da própria história e renderá um bom trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, sociedade, história, comunidade;

ABSTRACT: This article is to study an alternative to rescue the memory of the land of Areia, given that the history of the place is not well known by the younger population. Most people attribute heritage only old buildings, or something visible, such as museums, such as here in the city there is none it is necessary to rescue the memory of society, the oral history of the place, look for photos and records of former residents that can help in the construction of social identity of the city. Working with high school students can generate interest in local history, the story itself and will yield a good job.

Para compreendermos a história de uma sociedade é preciso resgatar a memória do lugar em que se vive. Dentro das novas perspectivas em que vivemos, nossos alunos estão cada vez mais distantes da sua história, e o conceito de sociedade está se resumindo às redes sociais.

¹ Aluna do Curso de Especialização em Ensino de Sociologia para o Ensino Médio/UFSM.

² Profa. Orientadora do TCC e artigo final.

Nota-se um distanciamento de crianças e adolescentes da história da sociedade em que estão inseridos. Resgatar a memória individual e coletiva da sociedade pode promover interesse nos alunos, onde serão eles os protagonistas da história. Faze-los perceber que o patrimônio de uma sociedade está também em suas memórias, suas antigas recordações, sejam elas fotos, anotações ou lembranças de nossos avós. Como eram as primeiras casas, a primeira escola, como chegaram aqui os primeiros moradores e porque vieram, esses são questionamentos que devem ser abordados com alunos.

Memória e Sociedade

Quando chegamos a uma cidade e nos deparamos com prédios históricos, monumentos ou estátuas de alguma pessoa ilustre, logo nos vêm à mente a história daquele lugar; e dependendo da arquitetura dos prédios logo identificamos se esta foi colonizada por alemães, italianos, japoneses ou portugueses. Quando não há esses monumentos, ou até mesmo registros escritos, é preciso uma investigação com a população local, geralmente com as pessoas mais velhas que guardam as memórias dessa sociedade.

Para compreender a história de uma determinada sociedade podem-se analisar as próprias construções, estradas, sítios, depoimentos dados por moradores mais antigos, fotografias, e essas vão retratar a cidade bem como jornais, artigos de revistas, livros, teses e dissertações, registros de nascimento, registros de casamento entre outros.

Conhecer a história do lugar em que se vive é fundamental para conhecer a própria história. Para Hobsbawm (2010) o passado é inevitável para a história:

[...] o passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações. Em história, na maioria das vezes, lidamos com sociedades e comunidades para as quais o passado é essencialmente o padrão para o presente. Teoricamente, cada geração copia e reproduz sua predecessora até onde seja possível, e se considera em falta com ela na medida em que falha nesse intento. (HOBSEAWM, 2010, p. 22).

Ainda segundo Hobsbawm (2010, p.92), “a história da sociedade é, portanto, uma colaboração entre modelos gerais de estruturas e mudança social e o conjunto específico de fenômenos que de fato aconteceram.”

Segundo o autor Joaquim Santos (2002) é de extrema importância o estudo do local onde se vive. Esse tema pode abordar inúmeras possibilidades de estudos, e que

voltados para a própria comunidade desenvolve maior interesse e participação dos moradores e alunos.

O Joaquim Santos afirma que:

A importância de se estudar a história do lugar, tem se revelado ainda mais visível, nas últimas décadas, nas escolas, nas ruas, nas famílias, nas comunidades de que fazem parte, nos lugares onde se situam com suas particularidades.[...]

As gerações que partilharam toda a riqueza cultural embutida na música, nas festas, nos hábitos e costumes populares, caracterizadores do dia-a-dia e do modo de ser típico das populações suburbanas cariocas até pelo menos as décadas de 1950 e 1960, veem hoje essas práticas particulares postas como ultrapassadas e/ou de importância menor. Desconhecendo-as em grande parte, as novas gerações locais, formadas no bojo da cultura consumista e de massas propagada no período, vivem as condições introduzidas nos lugares onde moram como se sempre tivessem existido, e da mesma forma. Sem elementos para ligá-las a quaisquer impulsos econômicos, políticos, sociais e culturais, que lhes deem sentido histórico, inclusive o de que vivem e exercem papéis em sociedade, chegam à quase perfeição do consumismo. (SANTOS, 2002, p. 107).

O autor volta suas pesquisas para o Rio de Janeiro, mas é possível fazermos essa pesquisa em nossa comunidade. Como coloca o autor, as pessoas estão habituadas com o sistema de globalização, acabam aderindo a uma cultura que não é sua, através de filmes, novelas e outros programas que relatam na verdade o cotidiano de pessoas distantes da nossa realidade.

Ainda segundo Santos (2002, p.110):

As ruas e calçadas, antigos espaços típicos do lazer, das trocas de experiências e ideias entre os moradores após o trabalho e nos fins de semana, e onde se removiam festas, brincadeiras e outras formas de distração e cultura próprias, perderam em boa parte a função de gerar e manter a identidade da vizinhança, atraída para dentro de casa pelos aparelhos de televisão. Com a transformação das ruas em vias de passagem para veículos e das calçadas em estacionamentos, perdeu-se muito de suas características como pontos de encontro frequente e gratuito dos vizinhos, deixando para trás antigos usos que davam vida à criatividade, à solidariedade e à identidade social e cultural das pessoas do lugar. Estão ficando vazias, sem autodefesa, calçada a calçada, como se não fossem mais dos moradores. [...] Ao perceberem, enfim, que tanto o lugar em que vivem como a comunidade a que pertencem são parte integrante e viva da história do Brasil e do mundo, conforme as funções ou os papéis que neles desempenhem em seu tempo, como sempre ocorreu com os que ali habitaram desde a chegada dos primeiros colonos à região.

Quando se fala em Patrimônio, não quer dizer que esteja associado a bens materiais, seja de uma cidade de uma família, ele se refere também aos bens culturais que se produziu ao longo do tempo por pessoas que fizeram parte de uma sociedade. São as memórias dessas pessoas que irão ajudar na construção da identidade social de uma comunidade.

Na construção da memória social a fala e as recordações dos “velhos moradores” são de extrema importância, uma vez que são eles que descreverão a sociedade bem como ela era, e as transformações ocorridas ao longo do tempo, em um ambiente capitalista e globalizado onde as informações e tecnologias chegam a todo momento. A autora Ecléa Bosi em seu livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, relata a sociedade a partir das lembranças de velhos moradores.

Percebe-se que cada indivíduo apreendeu o compasso social do tempo, o “seu tempo”, de forma peculiar. Cada narrador descreveu um ponto de vista sob acontecimentos coletivizados ou que perpassaram as suas gerações, como o da gripe espanhola, a ascensão do governo Vargas, o Centenário da independência... As lembranças da família se desenrolaram a ponto de grupos externos, como os vizinhos, também serem associados a esse berço. A casa, objetos, locais de sociabilidade, sons; todos esses elementos são apontados como espaços de lembrança por esses narradores vitais. As lembranças políticas não deixaram de ter seu espaço. (BOSI apud SOBREIRA, 2013, p.147)

Para Le Goff (2007) a memória acaba por estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Esse vínculo que se torna afetivo, possibilita que essa população passe a se enxergar como “sujeitos da história”, que possuem assim como direitos, também deveres para com a sua localidade.

Para Santos (2002, p.110-111):

A reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares, em todos os momentos. De que o lugar, seja quando, qual e onde for, integra-se historicamente a espaços e contextos mais amplos, a partir dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas no dia-a-dia por seus habitantes e por ele próprio, no município, no país e no mundo.[...] Tal perspectiva permite que os alunos de uma determinada escola compreendam, apalpando, diferentes aspectos da história do Brasil e de suas relações com o mundo, ao terem como referência o espaço e a história do lugar onde vivem. Leva-os a entender, no sentido inverso, que a história mundial, nacional e regional chega ao seu bairro, à sua rua, à sua sala de aula, articulada entre si e explicando muito do cotidiano dos que ali viveram no passado, ou o que eles próprios (os alunos) vivem na atualidade.

Levar esse desafio para dentro da escola é possível, assim como envolver os alunos na construção da própria história e fazê-los conhecer como se deu a construção da sociedade em que vivem.

Os trabalhos realizados pelos alunos, sobre a história do local onde vivem, trazem uma dimensão do conhecimento de cada um deles, além de valorizarem a sua comunidade, pois assim conhecerão o passado e a importância desse lugar, terão mais apreço pelos mais velhos, que são os que contaram parte da história estudada por eles. Dessa forma esse trabalho teria um valor histórico, cultural e social.

Essa aproximação da escola com as famílias e comunidade, tem um grande valor social, além de aproximar o aluno da sua própria história, e desenvolver estudos que valerão não só para seu conhecimento escolar, como “matéria”, mas será importante na construção da sua própria identidade, e para a cultura local da comunidade.

Um pouco da história da escola³

A Escola nasceu para atender a pequena população de Encruzilhada, na época distrito de Osório. Foi criada através do decreto nº 3871 de 13 de março de 1953 e chamava-se Escola Rural de Encruzilhada. As atividades letivas foram iniciadas em 08 de abril de 1953, a cargo da professora Célia Vieira. Em 1960 transformou-se em Grupo Escolar Rural de Encruzilhada. Em 1963 passou a chamar-se Escola Rural Professora Erica Marques.

A escola recebeu esse nome em homenagem a professora Erica Ferreira Marques, nascida em 23 de julho de 1935 em Passinhos, município de Osório, cursou magistério na Escola Normal Rural Idelfonso Simões Lopes tendo se formado em 1955. Em abril de 1956, foi empossada como professora do Ensino Primário Rural, na Escola Rural Isolada de Encruzilhada, em Terra de Areia, 6º distrito do município de Osório, como regente de classe. A professora Erica Marques faleceu em 10 de março de 1960 por complicações no parto de sua filha, no Hospital São Vicente de Paula em Osório.

A escola, em seus primeiros anos, tinha uma construção diferente da que possui hoje. De acordo com relatos de moradores mais antigos é possível remontar a sua história. Possuía apenas um prédio, onde hoje funciona a secretaria e a sala dos professores, onde ficava a sala de aula e um apartamento que servia de moradia para os mestres, que geralmente vinham de fora. Mais tarde foi construído mais um prédio em em madeira, onde funcionava quatro salas de aula.

A escola sofreu modificações em relação a sua clientela. Inicialmente atendia apenas as séries iniciais. Na década de 80, estendeu o atendimento até a oitava série. Na década de 90 começou a funcionar o Ensino Médio. Em 2000 o Ensino Médio passou a funcionar também a noite, visando atender os alunos trabalhadores.

Atualmente a escola atende desde o ensino fundamental, do 1º ao 8º ano, este com 413 alunos matriculados, sendo 207 no turno da tarde e 206 no turno da manhã. O Ensino Médio com 298 alunos, divididos em três turnos, manhã com 123 alunos, tarde

³ Dados retirados do **PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO da Escola Estadual Básica Professora Erica Marques**. Terra de Areia, 2015.

com 66 alunos e a noite com 109 alunos. Totalizando 711 alunos matriculados na escola. Do quadro de funcionários totalizam 64 pessoas, entre professores e funcionários, onde 51 são professores, na maioria concursados e atuando dentro da sua área de formação, 13 funcionários, entre manutenção e limpeza da escola, merendeira e administração. A escola conta com 2 supervisoras, 1 coordenadora pedagógica e 2 orientadoras pedagógicas.

Quanto aos recursos físicos, a escola possui 15 salas de aula, além desta salas, o prédio apresenta as salas: da direção, secretaria, setor financeiro, coordenação pedagógica, biblioteca, laboratório de Psicomotricidade e Linguagem, laboratório de aprendizagem para as séries iniciais, cozinha, refeitório e auditório. A escola necessita de um pavilhão de esportes para as aulas de educação física. A escola possui também laboratório de informática e ciências (que ainda precisa ser equipado).

A filosofia da escola baseia-se no princípio de poder auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e participativa, baseada no respeito ao ser humano e à natureza, a partir da formação de cidadãos livres, conscientes, solidários, tolerantes, criativos, inventivos, capazes de ler a realidade, investigar e propor soluções, sempre tendo uma visão de totalidade, considerando a inter-relação entre o homem e o meio ambiente, o bem de todos sem discriminação, respeitando e valorizando as diferenças. Sobre o processo de avaliação, a escola adotou uma concepção dialética-dialógica na construção do conhecimento, mais a avaliação será baseada no diálogo. O aluno deve conhecer e participar da construção dos critérios de avaliação, utilizada pelo professor e assim participar da sua própria avaliação e utilizar a mesma como alavanca do seu processo de conhecimento, do seu crescimento como ser humano integral.

A organização curricular da Escola permanece no regime de séries (para o ensino fundamental de 8 anos) e o ensino fundamental de 9 anos, com aprovação ou reprovação. Para a classificação do aluno em novos níveis de aprendizagem, continuaram sendo utilizadas notas. As notas são construídas a partir de somatório. Em cada trimestre o professor construirá a nota considerando provas, trabalhos e as observações sobre o processo. Cada trimestre tem um valor, definido coletivamente, sendo que no final do ano, o somatório atinge 100 pontos. Para a reprovação considerou-se que deveria se exigir um aproveitamento de 60% ou 60 pontos. Se no final do ano, o aluno não atingiu o somatório fixado para a aprovação, realiza uma prova com o valor total de 100 pontos, para atingir os 60 pontos necessários, de acordo com a vontade da comunidade escolar, principalmente pais e alunos.

Através de um ensino que respeita os saberes dos alunos e parte da situação vivencial, a Escola tem como finalidade a preparação geral do aluno para a atividade intelectual independente e autônoma, desenvolvendo conhecimentos, habilidades e valores que lhes permitam o exercício da cidadania, em sua plenitude e sua inserção flexível no mercado de trabalho, além das finalidades culturais e humanísticas, promovendo o desenvolvimento integral da pessoa como ser individual e social, envolvendo a família neste processo educacional.

Breve História do Município de Terra de Areia

O Município de Terra de Areia está localizado no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, conhecido por estar próximo ao mar e a serra e cerca de 150 km de distância da capital, Porto Alegre. Outro fator que leva o nome da cidade para além das fronteiras é a fama do abacaxi cultivado, sendo o mais doce de todos, fato que se remete ao tipo de solo da região.

O nome dado ao município faz referência ao tipo de solo que o constitui, e que se diferencia dos municípios vizinhos, Itati e Três Forquilhas, sendo esses dois de aspecto argiloso. Essa peculiaridade do solo foi observada por Padre Balduino, em suas pesquisas na região. A autora Marília Daros (1999), no livro *Raízes de Terra de Areia* descreve as pesquisas:

O solo é o produto da destruição das rochas pelos fatores geológicos e climáticos. Assim, em nosso estado, Padre Balduino apresenta oito tipos de solo: terra roxa, argilosa; terra vermelha, arenosa; terra da serra, argilo-arenosa; terra de origem de grés, arenosa; terra preta de origem de grés; terra transportada de origem marítima; terra de origem do granito; terra transportada de origem de água doce. (DAROS, 1999, p. 49).

Faz parte do território do município as lagoas Quadros e Itapeva, cuja formação se deu a partir de transgressão marinha.

A partir de 4.000 anos AP, aproximadamente, teve-se novas alterações climáticas. Diminuíram as precipitações, a temperatura baixou, e houve oscilações com longos períodos de frio e aridez. O mar recuou, originando cordões litorâneos arenosos. Estes cordões isolaram grandes quantidades de água que possibilitaram a formação de lagoas, mangues, banhados e lagoas. A formação das lagoas que hoje serpenteiam toda a região se deve às regressões marinhas e aos ventos que, provocando a formação de dunas litorâneas, criaram um grande número dessas massas de água. (GOMES, 2013, p. 20).

A formação das lagoas aumentou a vegetação em seu entorno e fez com que animais de várias espécies fossem atraídos, com esse rico cenário a presença humana se

fez presente. É em torno de 6.000 anos AP, que se tem a primeira população litorânea, conhecidas hoje como Sambaquis, encontravam-se por toda costa brasileira. Ao longo do tempo chegam ao litoral outros grupos humanos que também atraídos pela abundância de alimentos, caça, pesca e coleta, vão morar próximo a essas lagoas. Alguns chegam apenas para veranejar aqui no litoral, são grupos vindos da serra, que com a falta de alimentos no verão, principalmente o pinhão, passam a morar temporariamente nessa região de lagoas, onde a oferta de alimentos é bem maior.

(...) nos primeiros séculos de nossa era, quando o clima e o ambiente se estabilizaram, as populações dos diversos ambientes exibem novas tecnologias: na mata semi-úmida do interior se instala o Tupiguarani, ceramista-horticultor; nas florestas subtropicais com araucária e nas formações vegetais litorâneas temos as tradições ceramistas-horticultoras Taquara, Casa de Pedra e Itararé; nos campos do sul as populações, talvez caçadoras, produzem agora uma cerâmica, conhecida como Tradição Vieira. (SCHMITZ, 1984, p.06)

De acordo com Schmitz (2006), no começo da era cristã foram introduzidos no estado o cultivo e a cerâmica, vindos com migrantes da Amazônia, tradição Tupiguarani. Também nos pinheirais do planalto aparece um grupo que ainda esta fortemente ligada a caça e a coleta, mas que também planta e constroem casas subterrâneas, a tradição cerâmica Taquara. Aparece também a tradição cerâmica Vieira que se estabelecem nos campos, que também cultivavam algumas plantas.

Esses primeiros habitantes do Litoral Norte deixaram vestígios da sua cultura material, um com suas diferenças culturais, e ainda é possível encontra-las ao longo de todo o litoral. A presença dos grupos de sambaquieiros, deixaram os amontoados de conchas chamados de sambaquis, patrimônio histórico preservado pelo IPHAN. As cerâmicas confeccionadas por grupos Tupiguarani e Taquara são encontradas em pequenos fragmentos e remontam a história do litoral.

Com a chegada dos primeiros colonizadores portugueses esses indígenas foram dizimados, ou por doenças trazidas por esses colonos, ou porque foram tirados de suas terras e levados para reduções, aqueles que resistiam eram mortos ou postos a trabalhar como escravos.

As lagoas que compõe o cenário do município de Terra de Areia foram essenciais para a ocupação desse lugar. Em 1906 já haviam pesquisadores interessados nessa região, Edgard Roquette Pinto saiu de Porto Alegre e percorreu o litoral, fazendo anotações e sobre a fauna e a flora.

A história da colonização de Terra de Areia iniciou com a concessão de sesmaria em 1736 para Francisco Pinto Vila Lobos e José Pinto Vila Lobos. Por volta de 1750 passam as terras para Francisco da Fonseca Quintanilha, este em 1766 vendeu para dois sócios: Manoel Bento da Rocha e Antônio Luiz Escobar Araújo, este último se retirou em 1770. Então é formada a Estância de São Maurício na Lagoa de Manoel Bento da Rocha, tendo cerca de 80 km de comprimento, a sede foi construída junto à atual Lagoa dos Quadros. Em 1779 a Estância foi vendida para Inácio José de Araújo, sítio do Inácio. Por volta de 1850 é repassada para o estancieiro José Antônio de Quadros, vindo de Santa Catarina. Deve-se a ele o nome Lagoa dos Quadros.

A história da primeira vila de Terra de Areia é contada pela professora Adalgisa de Medeiros Silveira (2000), no artigo “Alemães e portugueses no povoamento de Terra de Areia: a Vila de Cornélios”, do livro “Raízes de Terra de Areia”. O nome de Vila, segundo alguns pesquisadores e historiadores da região deve-se a Cornélios Jacobs, um doutor alemão, que veio se estabelecer nas proximidades do sangradouro que liga a lagoa Itapeva à lagoa dos Quadros, atualmente rio Cornélios. Cornélios Jacobs, era filho de João Jacobs, que chegou junto com sua mãe Ana Maria Witmann, em Torres, em 1826, junto com os demais colonos alemães.

A utilização sistemática do manancial hídrico presente desde Torres até Osório partiu, sem dúvida, da vontade e coragem do imigrante alemão, vencendo obstáculos em terra estranha. Por exemplo, enfrentando o longo trajeto das águas doces que cortam planície localizada entre a serra e o Mar. [...] a princípio escoavam a produção das colônias via Serra do Pinto em tropas de mulas, formando as picadas em direção ao Vale dos Sinos, Caxias do Sul e Porto Alegre. Este impulso comercial foi dado pelo Pastor Voges que estava na caravana migratória. (SILVEIRA, 2000, p. 91).

A formação do município de Terra de Areia teve início com a chegada dos primeiros colonos alemães ao vale de Três Forquilhas, em 1826. A maioria deles fixou-se nas terras do atual município vizinho, Três Forquilhas e também Itati, alguns deles, porém, seguiu em direção ao litoral, afastando-se do vale chegando assim nas terras que hoje constitui o Município de Terra de Areia. O nome “Terra de Areia” surgiu como denominação genérica da zona onde mais tarde seria implantado o núcleo urbano do Município. Este nome foi dado pelos colonos alemães para se referirem as terras mais ao sul, cuja composição do solo seria diferente da região que habitavam (Três Forquilhas). Costumavam se referir a essa região como “Terra de Areia”.

Terra de Areia cujo toponímico é anterior ao povoado que depois se tornou distrito e por fim município, nasceu da denominação que lhe conferiram os imigrantes alemães que fixados às margens do Rio Três Forquilhas, cujo solo era argiloso, quando transitavam por aqui e mais tarde com a fixação de alguns deles pelas proximidades, passaram a referir o local

como “as terras de areia”. A mudança da composição do solo entre Terra de Areia e as terras da Colônia de Três Forquilhas situa-se na altura do Cemitério do Espinho, onde existe um afluente do Rio Três Forquilhas chamado Rio da Areia. (ELY, 1999, p. 68).

A povoação da região onde hoje se situa o Município de Terra de Areia só surgiu com a abertura da então BR- 59, que mais tarde seria transferida para o plano Rodoviário Federal passando a se chamar BR 101. A abertura da rodovia aconteceu no final da década de 1940, logo após a abertura da estrada que liga a Serra ao Litoral, atual Rota do Sol, na época conhecida como Serra do Pinto. Essas duas estradas se cruzavam onde surgiu a região urbana de Terra de Areia, aí a primeira denominação de “Entroncamento”. Em virtude da construção das estradas, a sede do distrito que ficava em Cornélios foi transferida para o Entroncamento.

A abertura das estradas e a inovação nos transportes, agora rodoviário, fez com que a navegação fosse desativada, o que provocou o declínio da Vila de Cornélios. Tendo como consequência a transferência da sede do distrito para a Praia de Capão da Canoa, através da Lei nº 247 de 8 de outubro de 1953. No mesmo ano cria-se o distrito de Terra de Areia, com sede no povoado denomina de Entroncamento. Pode-se referir a fundação da cidade de Terra de Areia ao Deputado Osvaldo Bastos (UDN), pela construção da BR 101 passando por essa região, e ao vereador Osmany Veras que em 1953 criou o distrito através de uma Lei nº 4 de 18/11/1953.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Terra de Areia, pela lei estadual nº 8561, de 13-04-1988, alterado com seus limites pela lei estadual nº 8997, de 11-01-1990, desmembrado de Osório e Capão da Canoa., sede do antigo distrito de Terra de Areia, Cornélios. Constituído de 3 distritos: Terra Areia, Itati. Ambos desmembrado de Osório e Três Pinheiro este criado pela lei municipal nº 005, de 31-01-1989. Instalado em 01-01-1989.

Alguns anos mais tarde Itati e Três Forquilhas também se emanciparam, e Terra de Areia tem seu território diminuído, passando a fazer divisa com Capão da Canoa, Três Forquilhas, Itati e Maquiné.

Proposta Prática:

Com o crescimento de Terra de Areia, ainda mais após as obras que implantaram o túnel na BR 101, a distância de Porto Alegre diminuiu, aumentando o fluxo de novos moradores no Município. A característica de formação histórica foi gradativamente sendo modificada nos últimos dez anos. A escola passou a atender os filhos destes

novos moradores que não tinham um vínculo de origem com a história do Município. Mesmo os alunos filhos de moradores locais não conheciam a história local. A memória coletiva era bastante curta. Pensando em como sanar estas questões e mostrar que todos eram sujeitos históricos e tinham vínculo com o local, elaborei uma oficina prática, objetivando trabalhar a temática “*Memória e Sociedade: revivendo a história do Município de Terra de Areia*”. O intuito não era apenas relacionar as diversas memórias familiares, mas inter-relacioná-las demonstrando aos alunos que nossas memórias são a base de uma teia de relações sociais. Outro objetivo era o de praticar a inclusão social através das memórias, ou seja, incorporar estes alunos cujas famílias não são do Município à história local, mostrando que desde a ocupação pelos primeiros habitantes (indígenas) a formação social se deu por um somatório de ocupações e não por uma homogeneidade cultural étnica.

Para aplicar a oficina escolhi a turma 201, um segundo ano do ensino médio. A prática se deu nos dias 28 e 29 de março de 2016, totalizando 4h/a. Dentre os conteúdos trabalhados priorizei as diferentes ocupações históricas do Município: indígenas, portugueses, alemães, afrobrasileiros e demais imigrantes (alguns alunos tem ascendência japonesa e polonesa).

Elenquei como objetivo geral, aprender a história do município de Terra de Areia através de relatos orais e fotos. Como objetivos específicos, Entender como foi a chegada dos primeiros colonos em Terra de Areia; Aprender quem eram esses colonos; e Analisar a história do município através de relatos e fotos.

Através destes objetivos pretendia que ao final da oficina os alunos fossem competentes para selecionar e identificar diferentes tipos de fontes históricas; Entender que nossa sociedade possui fortes vínculos de memória social; e Entender que todos nós somos sujeitos históricos e sociais, independente da origem e etnia.

Neste primeiro encontro expliquei a prática que seria desenvolvida bem como meus objetivos. Como sabia que nenhum aluno faria referência à história indígena, apresentei uma série de slides (Power point) mostrando a ocupação indígena local e sua contribuição à cultura do Rio Grande do Sul. Para desenvolver a atividade, ainda no primeiro dia, pedi para que os alunos contassem se havia em suas famílias imigrantes, ou descendentes de imigrantes, pedi também para que pesquisassem junto aos seus familiares, vizinhos, se lembravam do Município a alguns anos atrás, quando ainda era distrito de Osório. Aproveitando que estariam conversando com a família sobre suas origens, pedi que também procurassem em casa fotos de seus avós, bisavós, entre

outras, para que dessa forma pudéssemos montar um mural com a história do Município, independente de serem ou não descendentes de imigrantes alemães, italianos, portugueses. Se não fossem oriundos do Município, montaríamos uma espécie de memória descritivo local, no qual as diferentes experiências familiares, culturais e étnicas, formam quem somos hoje. Houve muitas perguntas e as participações foram excelentes. De fato a grande maioria nem imaginava que ali em Terra de Areia havia ocupação indígena.

No segundo encontro os alunos foram bem participativos, contribuíram bastante com a pesquisa e demonstraram interesse pela história de sua sociedade. A maioria dos alunos levou fotos digitalizadas e também relatos de parentes mais velhos que tinham alguma coisa para contar, seja de como era a cidade nas décadas de 60 e 70, ou até mesmo eventos que ocorriam na cidade. As fotos foram variadas, desde fotos de casamentos, festas de igreja, de antigos moradores até das construções que até hoje fazem parte do cenário do município. Montamos um mural com todas as fotos e os relatos escritos e deixamos na sala de aula. Os alunos que vieram de outros Municípios também trouxeram fotos e contaram como suas famílias chegaram até ali. Assim criamos um grande panorama cultural, histórico e étnico. Conversamos sobre a importância da diversidade para a construção de uma sociedade plural. Apenas dois alunos não trouxeram materiais, pois não moram com seus familiares diretos. Mesmo assim auxiliaram os colegas na elaboração do memorial descritivo local. Ao final tenho certeza de que entenderam que somos frutos de uma soma histórico-social e agentes ativos nas mudanças coletivas. Orientei os alunos que eles poderiam expor o trabalho em feiras e eventos no município.

Esta atividade demonstra que trabalhar com memória e sociedade abre espaço para muitas discussões de pertencimento e participação social. Além disso ela proporcionou a muitos alunos uma aproximação com familiares mais velhos e também com vizinhos mais próximos, fortalecendo as relações de reciprocidade e solidariedade.

REFERÊNCIAS

DAROS, Marília. Terra de Areia segundo o Padre Balduino Rambo. In.: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Orgs.) **Raízes de Terra de Areia**. Porto Alegre: EST, 1999. [p.48-52].

ELY, Nilza Huyer (org.). **Terra de Areia:** Marcas do Tempo. I Simpósio sobre Imigração Alemã no Litoral Norte/RS: Raízes de Terra de Areia II. Porto Alegre; EST, 1999.

ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Orgs.) **Raízes de Terra de Areia.** Porto Alegre: EST, 1999.

GOMES, Juliane M. P. **Relatório de Programa de Prospecções Intensivas - Loteamento Residencial Capão da Canoa, RS.** Empreendedor 3LPJ Negócios Imobiliários LTDA. Ofício 0328/2013/IPHAN-RS de 16/04/2013. Capão da Canoa, 2013.

HOBSBAWM, Eric; **Sobre a História.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO da Escola Estadual Básica Professora Erica Marques. Terra de Areia, 2015.

SANTOS, Joaquim Justino Moura; **História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental.** São Paulo: USP, 2002.

SCHMITZ, P.I. **Caçadores e Coletores da Pré-História do Brasil.** São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1984

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré-História do Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 2006.

SILVEIRA, Adalgisa de Medeiros. Alemães e portugueses no povoamento de Terra de Areia: a Vila de Cornélios. In.: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Orgs.) **Raízes de Terra de Areia.** Porto Alegre: EST, 1999. [p.121-125].

SOBREIRA, Dayane Nascimento. O ar da vida: memória social e histórias de velhos. **Oficina do Historiador,** Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013, pp. 145-148. Disponível em: <file:///C:/Users/Juliane/Downloads/12932-54582-2-PB.pdf> Acesso em março de 2016.

WITT, Marcos Antonio (Org.). **Fontes Litorâneas:** escritos sobre Litoral Norte do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos/UNISINOS, 2012.

